



Vista Geral Bairros Informais do Mindelo. Fotografia de Diogo Bento, 2019.

## **OUTROS BAIRROS, desafios de um devir coletivo**

Este artigo centra-se na Iniciativa OUTROS BAIRROS, estudo partilhado entre o gabinete técnico do Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação do Mindelo, Cabo Verde, e os moradores dos assentamentos de Alto de Bomba, Covada de Bruxa e Fernando Pó, onde se desenvolvem metodologias de atuação no território, partilhadas e participativas, com o fim de responder, a partir do modo de vida local, à inexistência de estratégias públicas para esta especificidade urbana.

Longe de uma atuação de autor, que contrariamos por sabermos da importância do trabalho coletivo, partimos para uma ação sustentada na escuta e no tempo, construindo redes, envolvendo humanos e não humanos, de forma a nos podermos imergir em lugares que enfrentam enormes desigualdades urbanas e estão expostos a grande vulnerabilidade.

Outros Bairros, situa-se, atualmente, em Cabo Verde como a única iniciativa pública que promove a inclusão social e desenvolvimento de assentamentos informais, garantindo a universalização da infraestrutura e do espaço público e fomentando a articulação institucional das políticas públicas da cidade e a crítica urbana às novas gerações e aos cidadãos.



Inquérito aos moradores de Alto de Bomba. Fotografia de Diogo Bento, 2019.

## Enquadramento

O atual momento que Cabo Verde atravessa centra grande parte das ações do Estado no programa PRRA – Programa de Requalificação, Reabilitação e Acessibilidades, gerido pelo MIOTH, Ministério das Infraestruturas, Ordenamento de Território e Habitação. O programa fomenta projetos de carácter territorial que permitem o desenvolvimento urbano, entre outros, de todas as cidades do país.

As cidades cabo-verdianas começaram a deparar-se, desde a década de 40 do séc. XX, com problemas relativos à habitação e ao urbanismo que, cada vez mais, suscitam uma necessidade imperativa de discutir o seu desenvolvimento urbano futuro. Entre esta época e os anos 80 do mesmo século, período em que se iniciaram os primeiros planos de organização territorial, assistiu-se a algumas tentativas de ações reguladoras de ordenamento do território, que não tendo sido aplicadas, possibilitaram, apenas, o aparecimento pontual de zonas de crescimento planeado.

As áreas periurbanas concentram, hoje em dia, uma parte significativa da produção habitacional das principais cidades – Praia e Mindelo – e foram abrangidas por planos de urbanização detalhados. As áreas que previam a sua possibilidade de ocupação, começaram a esgotar-se e a ocupação informal começou a ganhar escala.

O Mindelo, segunda cidade mais populosa do país e historicamente receptora de gentes das ilhas do Barlavento do arquipélago, tem sido alvo de fortes pressões urbanísticas causadas pelos mercados imobiliário e turístico que empurram para a periferia a alternativa de moradia da população mais pobre.

O entendimento da complexidade da periferia suscitou a análise do trabalho já realizado noutras geografias, como o programa Favela – Bairro, no Rio de Janeiro, ou a implementação dos PIDU (Planes Integrales de Desarrollo Urbano), na cidade colombiana de Medellín. Os princípios conceptuais, apesar de se poderem relacionar na forma e no método como possíveis estratégias para Cabo Verde, relevam tais diferenças de escala e contexto que constroem a comparação entre os projetos. Assim, assume-se o carácter experimental de Outros Bairros num registo de trabalho próprio, de base endógena e adaptada à realidade territorial e humana estabelecida pela relacionalidade com estas áreas silenciadas e marginalizadas.

A bibliografia mais recente sobre urbanismo em Cabo Verde apresenta, sobretudo, dois trabalhos que destacam o desenvolvimento das periferias urbanas. Em 2006, um trabalho realizado sobre o crescimento urbano da cidade do Mindelo no SIRUM - Seminário Internacional de Reabilitação Urbana do Mindelo e, em 2015, o trabalho académico *No Te Ne Kemim*, em crioulo “estamos no caminho”, realizado no M\_EIA – Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura.

Considerando o existente como uma solução para o problema, partimos para o desenho de uma Iniciativa teste na cidade do Mindelo, que visa atuar em três assentamentos a partir do modo de vida local, ao qual chamamos OUTROS BAIROS e que parte da seguinte questão:

## **COMO SERÁ O FUTURO DOS ASSENTAMENTOS INFORMAIS DE CABO VERDE?**

### **Devir**

A Iniciativa Outros Bairros tem potenciado um espaço-tempo comum entre entidades governamentais e as comunidades. Esse espaço-tempo é mediado e vivido por uma pequena equipa de arquitetos, que se dotou a si própria de autonomia e de um relacionamento próximo com as comunidades. Em contraste com o urbanismo tradicional de grandes intervenções frias, assépticas, e de higienização urbana, Outros Bairros tornou-se uma zona de contacto, entre técnicos e comunidades, em que a equipa trasladou para o processo vários princípios de atuação conjunta orientadores da sua forma de fazer projeto. Intervir em específico no desenvolvimento territorial de Alto de Bomba, determinou por isso um compromisso com o valor e o saber do capital humano aí localizado.

A forma institucionalizada de fazer projeto, determina um período de trabalho que fecha em si todo um dossier que veiculará as respetivas ações da sua



Partilha do primeiro projeto pontual com os moradores de Alto de Bomba. Fotografia de Queila Fernandes, 2019.

concretização. Abrir esse processo à comunidade que irá receber a intervenção, passa por uma mudança radical do projeto autoral - que pré-define um programa e um conjunto de soluções - para uma suspensão dessa concepção do arquiteto, no sentido de uma abertura à cosmovisão da população residente no bairro, bem como às soluções que o seu próprio quotidiano foi desenhando ao longo do tempo no espaço comum.

A metodologia de Outros Bairros criou condições para uma imersão diária ao longo do último ano, numa ótica de aproximação, conhecimento e sobretudo de confiança mútua entre a equipa e a população. Assim, as várias fases de Levantamento, Cartografia, Inquérito, Plano de Intervenção e Obra, dotaram o processo de um incremento exponencial da participação da população do bairro, nomeadamente no entendimento social e cultural, na perceção de riscos e preocupações, na discussão das prioridades da própria população e de inúmeras possibilidades de intervenção. Reuniões e conversas sobre urbanismo e espaço público, hip hop, associativismo, agroecologia ou cidadania realizadas nos espaços públicos entretanto reabilitados, permitem fortalecer vínculos e contribuem para a ativação de novas relações e dinâmicas.

Deixamos de escutar as vozes que são diferentes, os silêncios que são diversos.  
Couto, Mia (2005):123

Nestas zonas de contacto tendem a evidenciar-se as diferenças de posicionamento dos sujeitos, e torna-se premente a suspensão do próprio Plano de Intervenção como um projeto de autor, para um espaço-tempo de construção conjunta de um guião que não se fecha em si. Este guião abre-se para uma escuta da população, bem como de um conjunto de instituições e entidades que são chamadas para o debate e para a intervenção em si. A equipa funciona então como ator-rede, mediando um processo de articulação de várias áreas de saberes para dar resposta aos problemas do assentamento.

Ao contrário da observação cujo ideal é o espelho transparente que permite ver sem ser visto, a escuta não existe sem uma relação, sem uma ligação entre dois sujeitos. Berger, Guy (2009):290

Trabalhar num campo desconhecido e de precariedade urbana e social tão visível como acontece nos assentamentos informais de Cabo Verde exige refletir sobre diferentes níveis de atuação: o político, o técnico e o social. Resulta, por isso, fundamental entender que iniciar este teste visa começar um processo que permite uma transformação com efeito em diversos quadrantes da sociedade, gerando uma nova cultura urbana.

No campo político, a Iniciativa Outros Bairros propõe, por um lado, atuar a partir do modo de vida local, o que exige assumir previamente que os assentamentos representam a cidade que historicamente não foi considerada pelas políticas urbanas estatais. Nesses assentamentos ergueram-se redutos de resistência cultural, social e humana às políticas neoliberais que dominaram os últimos anos do desenvolvimento urbano contemporâneo. Por outro lado, a Iniciativa engaja a pequena equipa de arquitetos a desvincular-se do formato original da sua formação, essencialmente europeia e clássica de projeto, para juntamente com os moradores pensar de forma participativa e coletiva através dos momentos de imersão.

Será possível um caminho onde o erro reside como fator de conflito, ou existe como sintoma de uma relação doente de passividade conceptual. Magalhães, Luísa (2016):60

No campo técnico, Outros Bairros pretende consolidar um processo aberto e contínuo que considera o erro e a incerteza, humana e não humana, fundamentais à investigação que se desenvolve, articulando-se com as instituições, os moradores e as ações no terreno. A relação que a permanente escuta exige significa, ainda mais, capacitar e potenciar os recursos locais, fomentando a colaboração direta com as instituições de ensino superior que são convidadas a participar, desenvolvendo trabalho científico nos assentamentos e disponibilizando estudantes que passam a integrar as equipas, através de bolsas de investigação e estágios que se abrem para o efeito.

A grande proximidade com os moradores que potencia a participação, exige também grande capacidade de decisão dos técnicos na própria obra, visto que, não é possível elaborar previamente todos os elementos, gráficos e escritos, que habitualmente constituem um projeto urbano.

Esta dimensão de projeto na obra, inerente à participação dos moradores, traz naturais constrangimentos. A escuta sugere-nos tempo para o que é entendido como um erro, ou uma impossibilidade no processo, e o projeto abre-se ao imprevisto, e a soluções perspetivadas também pelos moradores. Além disso, a aposta na empregabilidade dos próprios moradores durante a totalidade das obras, contrariando os altos níveis de desemprego constatados nos resultados do inquérito inicial, torna-se premente pelo envolvimento dos mesmos, a sua capacitação profissional e sobretudo o sentido de pertença que se cria na obra.

Consolidam-se também, através dos protocolos com as instituições universitárias, projetos sociais que objetivam a ativação do espaço público através de grupos, formais e informais, existentes.

A comunicação que se entende ser necessária em diferentes faixas etárias da população residente assegura-se por um serviço educativo, centrado sobretudo em jovens entre 6 e 18 anos, que trabalha com as escolas da cidade e visa

ampliar o entendimento da Iniciativa e fomentar a discussão sobre os desígnios coletivos dos assentamentos e da cidade.

## **Estratégia**

As coisas mudam no devagar depressa dos tempos.  
João Guimarães Rosa, 1988

Assumindo a escuta como o primeiro passo de entendimento e de partilha, também o tempo se constituiu outro. Outro tempo que assegura às diferentes fases do processo uma evolução participada e com o envolvimento de todos.

Na Iniciativa Outros Bairros adotamos a teoria do ator rede para incentivar a consolidação e a criação de redes internas nos assentamentos e na sua relação com o resto da cidade. Incorporamos a premissa de que a sociedade não pode ser explicada apenas pelas influências, contradições, interesses e tensões internas a partir de humanos e das relações entre si, pelo que, entendemos o social como um campo eminentemente heterogéneo que envolve humanos e não humanos. Em lugar de meros instrumentos a serviço da sociedade, a teoria do ator rede incorpora todos os objetos para construir todos os elementos que nos permite sermos agentes capazes de provocar transformações que ultrapasam o âmbito técnico e articulam o coletivo como um todo.

As quatro fases que surgiram, Levantamento, Caracterização, Plano de Intervenção e Obras/Ativação integraram, sobretudo, instituições e cidadãos que, articuladamente, nelas participam.

A fase de Levantamento consistiu na revisão e verificação cartográfica. Não só se compatibiliza a cartografia existente como se realiza uma verificação casa a casa, in loco, que minimiza erros métricos e gráficos. Esta fase permitiu, desde logo, o primeiro contacto com os assentamentos, as primeiras conversas com moradores, os primeiros momentos de reflexão sobre como atuar, a primeira imersão.

Definido fisicamente o limite das intervenções e atualizada a base gráfica, organizaram-se grupos de estudantes que, por áreas pré-delimitadas, procederam à realização de um inquérito casa a casa, o que garantiu conhecer dados, qualitativos e quantitativos, como: rendimento por agregado familiar, acesso a redes de água, esgoto ou iluminação pública, profissão, existência de cozinha e de instalação sanitária, queixas e anseios relativos ao meio urbano e à habitação ou quais as aptidões que complementam atividades profissionais que, desde a génese dos assentamentos, são determinantes na sua consolidação física e social.

Os dados recolhidos pelas mesmas equipas, geralmente formadas por estudantes de arquitetura, engenharia e estatística, foram posteriormente trabalhados e permitiram iniciar a segunda fase do trabalho, a Caracterização. Sabemos, a esta altura, os rácios de moradores com cobertura das infraestruturas, de emprego, de rendimento familiar, de existência de serviços e equipamentos públicos, bem como, se encontra mais aprofundada a relação com moradores, o entendimento das lideranças, o entendimento dos espaços públicos que, embora precários, são o garante da micro sociabilidade do lugar. Por fim, ficou bastante avançada a comunicação, a discussão entre os diferentes atores sobre o futuro de cada assentamento e o entendimento destes.



Vista aérea do projecto pontual 1 de Alto de Bomba. Fotografia de ETFilmes, 2020.

Com maior clareza sobre o modo de vida local e mais consolidada a discussão sobre que futuros, surgiram condições para se iniciar a terceira fase, o Plano de Intervenção, guião que aponta caminhos possíveis para as questões identificadas na Caracterização e que interpreta cenários futuros.

Como um guião, com os pormenores precisos de possível realização, o Plano de Intervenção permitiu uma discussão mais detalhada e comprometida entre a equipa técnica, instituições parceiras, moradores sobre as ações, o funcionamento das parcerias criadas e quantificar/programar a fase de obras e o investimento.

Por fim, a fase de Obras/Ativação tem sido o momento em que se volta a escutar, se recorre ao tempo para reavaliar, repensar. Naturalmente, aumenta a partilha e a participação. Como se trata de um processo aberto e que objetiva imergir para poder trabalhar a partir do modo de vida de todos, reconduzem-se as ações. Começam, finalmente, a ser visíveis consequências físicas do trabalho anterior e iniciam-se pequenos projetos de organização coletiva como cinema ao ar livre ou conversas sobre assuntos da contemporaneidade que pretendem consolidar a forma de repensar a vida no comum.

Importa referir, que desde o início das primeiras obras realizadas pela Iniciativa Outros Bairros, se estipulou como regra para todos os concursos/licitações públicas a obrigatoriedade de os construtores vencedores contratarem, pelo menos, 50% de moradores desempregados de uma lista realizada pela nossa equipa durante a fase de caracterização, o que não só possibilita e responsabiliza os moradores pela realização das obras do próprio lugar, como permite potenciar uma economia local que, quem sabe, abrirá a porta à realização, entre tantas coisas, a pequenos investimentos nas próprias habitações.



Obra de Outros Bairros, Alto de Bomba. Fotografias de Ângelo Lopes, 2020.

## Conclusão

A realização de uma experiência dentro de uma estrutura de um Estado de um pequeno país com 500 000 habitantes exige assumir, desde logo, dar pequenos passos para ter capacidade de responder a adversidades possíveis. Por isso, recuperar a equipa que havia participado no trabalho No Te Ne Kemim fazia sentido para nos deslocarmos para a mesma área física, Alto de Bomba.

Ao cabo de dois meses, pelo facto de pela primeira vez se conseguir falar com conhecimento in loco das fragilidades e desigualdades urbanas de um assentamento dentro de uma estrutura do Estado, a Iniciativa Outros Bairros foi alargada a mais dois lugares, Fernando Pó e Covada de Bruxa.

Pelo lado dos técnicos, centrados na escuta e num tempo outro, vimos abrir-se espaços de crítica e ação capaz de levar o tema para outro plano político, técnico e social, bem como, nos sentimos, finalmente, a contribuir ativa e coletivamente na vida do território.

Sabemos, agora, que articular as instituições, neste caso específico três universidades, um ministério e um município permitiu alargar a discussão, suportada sobretudo nos estudantes e nos participantes mais jovens, bem como, garantiu aos moradores adquirir direitos que ainda não estavam garantidos, tendo na Iniciativa Outros Bairros um novo parceiro que não lhes retira a possibilidade de continuarem a serem os protagonistas da própria história do lugar que habitam.

Por fim, importa salientar que a experiência de Outros Bairros coloca questões epistemológicas, sobretudo relacionadas com o termo áreas informais. A escuta que diariamente efetuamos traz as vozes dos lugares e sugere incorporar as palavras dos lugares, mais poéticas e mais aproximadas a uma realidade que perscruta utopia de um devir coletivo comum.

— REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Guy. (2009). Da epistemologia do olhar à epistemologia da escuta. In *Educação, Sociedade & Culturas*, no 28 , 2009, p.175 – 192.

COUTO, Mia (2005). *Pensatempos*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

FLORES, Nuno, RIBEIRO Manuel. (2016). No te ne kemin. Acedido a partir de: <http://www.buala.org/pt/cidade/no-te-ne-kemin>

FLORES, Nuno, (2019). OUTROS BAIRROS: as intervenções nos bairros de Alto de Bomba, Covada de Bruxa e Fernando de Pó. Acedido a partir de: <https://www.buala.org/pt/cidade/outros-bairros-as-intervencoes-nos-bairros-de-alto-de-bomba-covada-de-bruxa-e-fernando-de-po>

LATOUR, Bruno (2006). Como prosseguir a tarefa de delinear associações? *Configurações*, n. 2, p. 11-27.

MAGALHÃES, Luísa (2016). *A desobediência do erro Ensaio sobre a dimensão do conflito*. Tese de mestrado, FBAUP.

PAIVA, José Carlos & RAÍNHO Rita (2012). Sobre o campo da irreverência de uma Escola Artística na renovação da educação artística. Acedido a partir de: <https://www.buala.org/pt/vou-la-visitar/sobre-o-campo-de-irreverencia-de-uma-escola-artistica-na-renovacao-da-educacao-artist>

ROSA, João Guimarães (1988). *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [Edições anteriores pela José Olympio Editora].

ROSSA, Walter, GONÇALVES, Adelino (ed.) (2007). *Reabilitação Urbana Minde-lo*. ECDJ 10. Coimbra: Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra . Março 2007